

RESENHA

Kohan, Walter Omar (2021). *Paulo Freire. A Philosophical Biography*. Translation by Jason Wozniak and Samuel D. Rocha, London: Bloomsbury.

 Magda Costa Carvalho*

Palavras para traduzir uma educação política?

Não é comum que um livro originariamente publicado em português seja depois traduzido em inglês. Mas conseguir captar a atenção do mundo anglófono, ao ponto de produzir a necessidade de quebrar a barreira da língua, é coisa ainda mais rara quando se trata de uma obra sobre filosofia da educação. Walter Omar Kohan conseguiu essa proeza com o seu mais recente livro, dedicado a Paulo Freire, e por isso pensamos que se justifica esta resenha num dossier que celebra o passado, o presente e o futuro do patrono da educação brasileira. A questão da importância da língua para a construção do pensamento é, inclusivamente, crucial na obra de Freire se pensarmos que, por via dos exílios a que foi forçado, ele próprio teve que se traduzir e que experimentar a expressão das suas ideias em idiomas distintos da sua língua materna, o português. Relembremos, a propósito, que a primeira edição da obra mais conhecida e citada de Freire, *A Pedagogia do Oprimido*, foi originalmente publicada em inglês em 1970 e só no ano seguinte saiu em português.

* Professora Auxiliar na Universidade dos Açores, Investigadora do NICA-UAc: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (UAc) e do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (Portugal). E-mail: magda.ep.teixeira@uac.pt



Se já no passado o interesse pelas ideias de Paulo Freire quebrara muitas fronteiras linguísticas e acadêmicas, a verdade é que esse interesse continua a ser reafirmado por obras como *Paulo Freire. A Philosophical Biography*. Na década de 70, quando *A Pedagogia do Oprimido* foi publicada, a situação política do Brasil tornava urgente a divulgação de um pensamento educativo de emancipação e resistência. Nos tempos presentes o contexto não é menos desafiador e exigente, sendo por isso importante divulgar um livro que leva Freire e a sua filosofia da educação para outras latitudes idiomáticas. Ainda que continue sendo desvalorizada e até perseguida no Brasil, a obra de Paulo Freire segue despertando interesse noutros pontos do mundo. A tradução do livro de Kohan é prova disso e, esgueirando-se nas brechas dos monopólios linguísticos do mundo acadêmico, continua tornando acessível a uma vastíssima audiência a coragem e o compromisso de um pensamento mais do que necessário.

Mas porquê traduzir um livro? É uma pergunta que parece ter sido respondida há muito tempo, desde que livros começaram a ser traduzidos. Talvez seja uma pergunta que desapareceu enquanto pergunta porque já nem (quase) a fazemos. Assumimos que, tanto quanto possível, se deve traduzir. Afinal, dizer os livros em diferentes línguas é aumentar a sua geografia, fazê-los voar em territórios longínquos e conhecer mundo. Então, para quê voltar à pergunta? Não para recusar categoricamente qualquer uma das suas possíveis respostas. Voltamos à pergunta enquanto pergunta, enquanto ato inaugural. Voltamos porque, no início deste exercício de revisão crítica, ouvimos na pergunta uma proposta de leitura que permite encontrar algumas importantes forças do texto que ocupa as nossas reflexões.

Este livro é, como dissemos, uma tradução. Em 2019, Walter Kohan publicou no Brasil, pela Editora Vestígio, a primeira edição de *Paulo Freire, mais do que nunca: Uma Biografia Filosófica*. Nele, o autor relê a obra do pensador pernambucano a partir da problematização do papel político de quem educa. Kohan dá seguimento a uma temática filosófica que habita os seus estudos nas últimas décadas e que o traz de encontros com outras figuras inspiradoras para pensar a educação, como sejam Sócrates, Jacotot ou Rodríguez. Tendo em conta a projeção mundial da obra de Paulo Freire, assim como a pertinência educativa dos trabalhos do próprio Kohan, o livro teve uma receção notável junto do público falante de português. Tanto que, em 2020, na Argentina, o CLACSO: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais publicou a primeira tradução da obra, em castelhano, com um título próximo do original: *Paulo Freire, más que nunca: Una Biografia Filosófica*. Mas a edição do CLACSO não é uma simples transposição textual do português para o castelhano. Quem acede a esta versão¹ encontra outras peças fundamentais que se somam à reconfiguração política que Kohan pretende trazer para o atual debate em torno da importância de Paulo Freire. Carlos Skliar assina o Prólogo – “Paulo Freire más que nunca: una oportunidad entre lo inacabado y la inacabable” – com o cuidado e a emoção de um amigo que acompanhou de perto o percurso de Kohan pelo mundo da vida e da obra de Freire. Por isso, revela alguns bastidores e leituras marginais da edição original, reforçando a importância de uma repolitização da obra de Paulo Freire contra aquilo que muito pertinentemente designa como o “ciber-reducionismo” e os excessos iconográficos a que, nas últimas décadas, tem sido votada. Para além disso, e ainda no que se refere à edição castelhana, vale reforçar o texto de apresentação escrito a duas mãos por Kohan e pelo tradutor Federico Brugaletta.

¹ De acesso gratuito: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20200306042539/Paulo-Freire-mas-que-nunca.pdf>

Também aí se faz presente a importância da tradução enquanto oportunidade de *fletir* e de *re-fletir*, isto é, de que formas a escrita numa outra língua é simultaneamente uma oportunidade para pensar de novo o que já tinha sido pensado e para pensar tudo pela primeira vez, nos ritmos e melodias que a nova língua permite. Poderá alguma vez uma tradução ser apenas o mesmo texto?

Mas ainda a tradução castelhana não estava terminada e já Walter Kohan se propunha a levar o pensamento de Paulo Freire para outras paragens. Em 2020 seguia em preparação a edição inglesa do livro, que viria a lume um ano depois, em 2021, pela mão da editora Bloomsbury e com o título *Paulo Freire. A Philosophical Biography*. Também acontece que, tal como a versão castelhana, a edição inglesa retorna sobre si própria enquanto livro traduzido, assumindo a própria tradução como recomeço filosófico da experiência de pensamento que Kohan propõe. O autor – que já publicou inúmeros trabalhos em diferentes línguas, como português, castelhano, inglês ou italiano – parte novamente da tradução como campo problemático onde a abordagem política às ideias educativas de Paulo Freire também pode encontrar eco.

O que nos pode, então, dizer a tradução enquanto lugar de percepção do mundo? Que questões nascem da possibilidade (ou da impossibilidade) de dizer alguma coisa em diferentes códigos linguísticos? Que clivagens epistemológicas ficarão silenciadas nos hiatos idiomáticos? E o que nos diz esse exercício sobre uma política da educação? Como relembra Antonia Darder, no excelente Prefácio à edição inglesa, Kohan assume desde logo alguns desafios e complexidades presentes no exercício de tradução como uma questão profundamente política. A partir deste cenário, visibiliza-se o tanto que se pode perder sobre uma determinada conceptualização do mundo

quando não se faz a experiência conectiva com outros filtros linguísticos. As dificuldades de tradução do português para o inglês são, aliás, um problema que começa nos livros do próprio Paulo Freire e que, de acordo com Antónia Darder, revelam tensões políticas antigas e profundas entre colonizador e colonizado.

Começamos a nossa recensão com a pergunta “porquê traduzir um livro?” também porque este é um livro de perguntas ou de perguntamentos. Não porque Walter Kohan diga ao leitor o que deve ser perguntado ou quais sejam as perguntas importantes a fazer a respeito do pensamento educativo de Paulo Freire (ou de qualquer outro dos autores que cuidadosamente referencia). Mas porque o texto se apresenta como uma biografia filosófica de Paulo Freire cujo foco reside na ideia de que a educação é uma luta permanente pelo direito que todos – crianças e adultos, educadores e educandos – têm de perguntar. Para isso, Kohan organiza o livro a partir de cinco princípios: *life, equality, love, errantry e childhood*. Estas palavras dão título aos capítulos do livro e apresentam-se como oportunidades para uma retoma das relações educativas como lugares próprios de questionamento. São princípios não no sentido de axiomas ou postulados necessários, mas enquanto recuperam outro significado da palavra portuguesa “princípio”: são “começos”. Estas cinco palavras são propostas como inícios ou gatilhos para uma experiência outra da educação, precisamente como pontos de questionamento sobre o valor e o sentido do que se faz politicamente quando se educa. Kohan foge de qualquer linha prescritiva que, mais uma vez, se proponha a enclausurar os educadores na armadilha de um pensamento já pronto e direcionado. Ao contrário, opta pela frescura do que Freire chamava, num dos seus livros, uma *pedagogia da pergunta*. Em quarto lugar, invocamos nesta recensão sobre um livro traduzido a pergunta “porquê traduzir um livro?” porque o exercício de perguntamento que nos

propõe o livro é um convite de permanente regresso a si. Uma prática de perguntar enquanto perguntar-se – forma reflexa – de retorno às perguntas que nos confrontam conosco próprios. É uma prática que nos pede que procuremos as nossas perguntas: aquelas que povoam o pensamento consciente, as que compõem as determinações da vontade presente, mas também as que acumulam camadas de esquecimento. As perguntas que, depois de longo uso, perderam a sua força disruptiva e que, nos discursos, deixaram cair até os pontos de interrogação. Essas são, ainda, perguntas e, por isso, precisam de ser repetidas, reditas, refeitas. Notas do pensamento que, se não forem tocadas, não se tornam música. Por isso, Kohan afirma na introdução do livro o desejo de, a partir da sua escrita, conseguir provocar possibilidades para que cada leitor questione as suas próprias certezas, para que se contagie com o mesmo questionamento a que a escrita o levou enquanto autor. O perguntamento será, então, a conexão privilegiada de Freire a Kohan e de Kohan a nós, seus leitores, como se o autor tivesse procurado fazer conosco o que Freire fez com ele. Afinal, que melhor forma de homenagear um pensador do que fazer como ele próprio fez?

É este, aliás, o segredo para que vida e pensamento não se distingam neste livro e é preciso chegarmos aqui para percebermos o que Kohan quer dizer com o subtítulo: “a philosophical biography”. As narrativas sobre o indivíduo Paulo Freire e os relatos cronológicos da sua existência estão presentes para situar o leitor na grandeza deste percurso. Um exemplo da importância desses relatos é a demorada entrevista feita por Kohan, em novembro de 2018, a um dos filhos de Paulo Freire: Lutgardes Costa Freire. Transcrita no Appendix II, esta conversa constitui uma peça importante para a reconstrução, em discurso direto, da importância de determinados acontecimentos históricos no percurso de Paulo Freire (como a prisão, os exílios

políticos, a escrita dos livros, a presença da família). Mas é nessa mesma entrevista que surge a inspiração que atravessa todo o livro – e, talvez por isso, ela tenha sido colocada logo no início das edições portuguesa e castelhana – que *as ideias não caem do céu na nossa cabeça*, que elas se conectam com a vida. Uma biografia filosófica assume, então, que não há filosofia fora de uma vida comprometida com o gesto, que os gestos do indivíduo são a palavra traduzida em ação e que essa ação é a própria vida do pensamento. Sobretudo quando se trata de educação. E o primeiro gesto aqui é sempre a pergunta. As nossas perguntas, as perguntas de Kohan, as perguntas de Freire. As perguntas na leitura, as perguntas na escrita, as perguntas na educação. Por uma política da pergunta. Este persistente regresso a si da pedagogia da pergunta põe inevitavelmente em causa o próprio questionamento, convidando a perguntar pelo seu lugar na vida da educação: recurso pedagógico? Exercício cognitivo? Jogo formal de aprendizagem? Ludificação das relações pedagógicas? Kohan parece levar os leitores a descobrir que, se pensada a partir de Paulo Freire, a educação é a vida da pergunta assim como a pergunta é a vida da educação. É indissociável a força política de ambas – educação e pergunta –, já que do seu cruzamento brota uma das mais poderosas (e, até, perigosas) ideias para quem quer mudar o mundo: tudo pode sempre ser diferente. Não há nada que exponha, como uma pergunta, o mundo tal como ele é. Assim como não há nada, como uma pergunta, que mostre de que outros modos esse mundo poderá vir a ser.

A descoberta do entrosamento íntimo e constitutivo entre a filosofia e a vida coloca nas mãos dos leitores de *Paulo Freire. A Philosophical Biography* uma responsabilidade. Sentimo-nos como corredores que recebem um testemunho e não podem ficar parados. E, de facto, Walter Kohan, Jason Wozniak e Sam Rocha – autor e tradutores da edição em língua inglesa – afirmam em “Note on the

English Translation” que o livro oferece aos leitores um presente, um antídoto contra o domínio dos autoritarismos políticos na educação da vida: o poder do perguntar. É o atrevimento de pensar depois dos pontos finais que traz a ousadia insubmissa de um povo que pergunta e se questiona. No final do livro, Walter Kohan confirma esta ideia e concretiza como poderá o testemunho seguir nas mãos, nas ideias, nas palavras e nos gestos de outros: *I would love readers of the book to ask questions like: from this principle (life, errantry, etc.), what new educational life can I begin? More extensively: "What kind of educational life can I begin practicing by following these five principles (beginnings)?" This is also related to the idea of infancy or childhood and how we can be reborn as educators or re-begin a new life of education.*

Como leitores, recebemos a urgência de um presente que é, sobretudo, um desafio. Educar exige recomeçar como se nunca se tivesse aprendido ou ensinado coisa alguma. É esse o verdadeiro gesto político. Por isso, procuramos aceitar o repto de Kohan – e, através da sua escrita, o desafio do próprio Freire – e continuarmos perguntando e não simplesmente reproduzindo o que ambos nos dizem. Nessa tarefa, retornamos à questão com que começamos: “porquê traduzir um livro?”. Depois de desfiarmos as meadas que a leitura nos trouxe a partir dessa primeira pergunta, decidimos regressar e perguntar ainda mais: afinal, o que é traduzir? Para lá do exercício de transporte de sentidos entre palavras de línguas diferentes, o verbo traduzir tem outros significados como procurar palavras ou ações para dizer uma coisa específica; concretizar ou corporificar ideias em palavras, gestos, ações. Há um esforço de concretização no exercício de traduzir, há uma procura pelas formas de dizer e de fazer que, na sua diferença, abram para um espaço em comum. Se na tradução de sentidos procuramos equivalências, também sabemos que ficará sempre de fora uma boa

parte da rede inter-referencial de uma certa palavra. Já na tradução entendida enquanto elucidação ou concretização de uma ideia, o mais marcante talvez seja o inacabamento estrutural da tarefa. Procurar palavras, comportamentos ou ações que significam uma determinada coisa é um exercício que sempre se assemelha ao balbuciar que hesita e que nunca está plenamente satisfeito ou pronto. E que, por isso, retorna sobre si.

I would love readers of the book to ask questions like: from this principle, what new educational life can I begin? O repto do autor ecoa em nós. E regressamos às nossas perguntas: porquê traduzir um livro? O que é traduzir? O que pode uma educação política traduzir? Ou, então, com que palavras poderemos traduzir essa mesma educação? Serão os cinco princípios – *life, equality, love, errantry e childhood* – outras tantas formas de dizer algo da educação política que Kohan nos propõe através de Freire?

A pergunta sugere que essas palavras possam funcionar elas próprias como traduções, cinco entradas ou acessos que corporifiquem um lugar a partir do qual podemos experienciar uma certa forma de educação. Entendidas deste modo, funcionam em constelação, conjunto amplo e interligado de gestos cuja confluência apenas aponta caminhos: traduções hesitantes e que sempre aguardam as perguntas que cada um queira, e possa, fazer. Não bastará, portanto, uma delas para dizer essa forma de habitar a educação, nem sequer as cinco pretendem esgotar o que ela seja. Talvez só no jogo de sentidos que essas palavras estabeleçam entre si, ativados quando e como nos posicionamos como educadores, seja possível encontrar sugestões para o esboço de uma educação política.

Todas essas palavras constituem conceitos com vasto currículo filosófico e disso nos dá conta Kohan com as referências apresentadas

em cada capítulo. Para além do conhecimento profundo e rigoroso da literatura (apologética e crítica), em torno da obra de Paulo Freire, assim como da receção dos seus livros em diferentes quadrantes geográficos e culturais, Kohan regressa a pensadores que desde há muito acompanham a sua escrita. Podemos nomear apenas alguns dos escolhidos: Foucault para falar da vida, Jacotot da igualdade, Sócrates do amor, Rodríguez da errância (curiosamente, o capítulo sobre a infância é o único em que Kohan cita somente Freire. Sabemos que não lhe faltariam pretextos para retomar os filósofos a partir dos quais tem vindo a construir as suas noções de infância, mas talvez o esforço tenha sido o de descobrir a infância dentro da escrita do próprio Freire... ou talvez Kohan tenha querido, também ele, sempre começar de novo, sobretudo quando se trata de pensar a infância. Mais do que interpretações exteriores de infância que se adequassem aos escritos de Paulo Freire, ou até leituras de Paulo Freire sobre a noção de infância, terá a opção de Kohan sido a de buscar uma infância na sua própria escrita sobre Freire?)

Chegados a este encontro com o convite para entrarmos na constelação de cinco palavras que podem traduzir uma educação política, não resistimos ao jogo e ensaiamos um exercício de tradução. O nosso. Sabendo do quão precário e experimental será o resultado, deixamos já como testemunho a passar às leitoras e aos leitores tudo aquilo que não fomos capazes de dizer. Para que sejam elas e eles capazes disso, em mais favoráveis condições. Então, se traduzirmos uma certa experiência da educação na tensão entre *life, equality, love, errantry* e *childhood*, o que poderemos encontrar? Uma educação que só se poder manter enquanto oportunidade para criar relações que jamais diminuam ou superiorizem alguém. Um encontro em espaços e tempos que se abrem até à transformação dos envolvidos, lugares onde se ame ao ponto de deixar os outros viajarem em pensamentos

e palavras imprevistos. Uma educação que deambule e que apenas se deixe dizer através do movimento permitido aos verbos. Uma educação que viva, que iguale, que ame, que erre e que torne infância ou que *meninize* (recuperando o verbo criado pelo próprio Freire). A educação que, em cada presente, se afirma como uma criança esquiva e sibilante. Uma criança que corre entre nós, deixando no ar as suas inquietudes, mas que não se deixa apanhar, apreender ou sequer compreender.

Não é fácil escrever sobre o educador latino-americano mais conhecido em todo o mundo e um dos autores mais citados de sempre na área das ciências sociais. No meio das inúmeras apropriações de que a sua obra tem sido alvo recorrente, faz-se necessário sobrevoar o esgotamento das interpretações, a banalização das citações, as faltas de cuidado com o texto e, até, o enviesamento e a instrumentalização política do seu pensamento. *Paulo Freire. A Philosophical Biography* atenta em todas essas dificuldades e procura fazer delas algumas das suas forças. Poderíamos seguir reforçando outras razões para justificar a importância deste livro, para convencer os leitores ao seu convívio. Terminamos com uma referência à conversa entre Jason Wozniak e Walter Kohan que aconteceu fisicamente no Rio de Janeiro, a 17 de janeiro de 2020, poucos dias antes de o mundo se fechar numa pandemia. A conversa tem como título “Where and When to Think with Paulo Freire? A Timely Conversation” e é posterior à publicação da edição portuguesa. É um diálogo ímpar para a compreensão da obra e que apenas encontramos na edição em língua inglesa. Nela autor e tradutor tecem interessantes reflexões sobre o título, a organização interna do livro, as leituras de Paulo Freire vinculadas por Kohan. É um diálogo que retoma o livro, mais uma vez, como exercício de questionamento de si. Ou talvez seja o livro que, quase no seu final, se retoma, se questiona, se (re)pensa: *The new always might begin in*

education. It's just a matter of being sensitive to life, equality, love, errantry, and childhood, afirma Kohan na sua última fala.

Podemos sempre começar de novo. É o segredo deste livro. O que Kohan deixa a cada um e a cada uma dos seus leitores são os caminhos para o fazer. Arriscamos a tradução: *O novo pode sempre começar na educação. É apenas uma questão de...?* Cada um que continue depois das reticências e que complete os espaços em branco. O mesmo é dizer: a cada uma o desafio da sua própria tradução.